

UMA EXPERIÊNCIA DE REGRESSO AO PROGRAMA DE ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

MAIARA DE SOUZA/UEPB- PB – maiara.m.souza@gmail.com

ANDRÉA SANTA CRUZ ARAÚJO/ UEPB- PB - andreaasantacruz@hotmail.com

MARIA LEIDIANE ARÚJO SILVA/UEPB - PB -
leidianepedagogiauepb@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo tem por finalidade apresentar um breve histórico da história da Educação de Jovens e Adultos no Brasil. Trazendo ainda, um relato da experiência escolar de Dona Maria José, que frequentou diferentes programas de alfabetização de jovens e adultos.

2. A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS E SEU CONTEXTO HISTÓRICO

Desde 1890, vários discursos (intelectuais e políticos) sobre a questão do analfabetismo ganham destaque no Brasil, evidenciando o grande número de analfabetos como uma vergonha nacional. Deste então, diversas reflexões foram surgindo, a procura de maneiras para amenizar essa “vergonha nacional”, que se concentrava na camada mais pobre, entre os jovens e adultos. Em 1947 surgem as primeiras Políticas Públicas nacionais destinadas à instrução dos jovens e adultos, período este em que se instaurou o Serviço de Educação de Adultos do Ministério da Educação.

Com o passar dos anos, diversos programas foram lançados com o intuito de alfabetizar os jovens e adultos que tanto “envergonhavam” o país. Tais programas foram frutos de sérias críticas, pois apresentavam um caráter superficial do aprendizado, desconsideravam as especificidades do adulto e da diversidade regional e cultural. Esses programas eram usados como mera sustentação política e de ampliação das bases eleitorais. Nos anos 60, surge o educador pernambucano Paulo Freire como coordenador das ações do Plano Nacional de Alfabetização. Paulo Freire estava à frente dos ideais propostos pelo governo, pois almejava a alfabetização dos jovens e adultos. Esse autor propunha uma alfabetização crítica,

reflexiva, significativa, conscientizadora (sobre as desigualdades sociais), libertadora (de toda repressão presente no país naquela época), que pudesse ser ponto de partida para transformações tanto do sujeito, quanto da sociedade. No entanto, com toda opressão presente no Brasil com a ditadura Militar, Freire acabou sendo levado ao exílio, onde passou vários anos de sua vida e onde também escreveu as primeiras obras que o tornou conhecido em todo o mundo.

Em 1971, teve início a campanha denominada Movimento Brasileiro de Alfabetização – MOBRAL, na qual, a escolarização de jovens e adultos, ganhou a feição de ensino supletivo, espalhando-se por todo o país, mas, mesmo assim não cumpriu sua promessa de erradicar o analfabetismo durante aquela década.

No Governo de Fernando Henrique Cardoso (1995-2002) houve um desprezo do governo para com as organizações que trabalhavam com jovens e adultos. Em contraponto, foi lançada a Campanha Alfabetização Solidária, na qual a educação para jovens e adultos foi tomada como uma ação “caridosa, solidária, de piedade e bondade” do governo para os “pobres” analfabetos.

Com a Constituição Federal de 1988 e com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação em 1996, a Educação de Jovens e Adultos (EJA) é considerada uma modalidade de ensino inserida no contexto da Educação Básica, destinada às pessoas que não conseguiram estudar em idade “certa”.

Em 2003, O MEC lança o Programa Brasil Alfabetizado, voltado para a alfabetização de jovens com 15 anos ou mais, adultos e idosos. O programa é desenvolvido em todo o território nacional, com o atendimento prioritário a municípios que apresentam alta taxa de analfabetismo. Os municípios participantes, recebem apoio técnico na implementação das ações do programa. Tendo como concepção o reconhecimento da educação como direito humano e de oferta pública, para que as pessoas possam ter uma escolarização ao longo da vida.

3. SITUAÇÃO DE REGRESSO AOS PROGRAMAS DE ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: A EXPERIÊNCIA DE DONA MARIA JOSÉ

Dona Maria José nasceu em 07 de maio de 1950. É filha de um casal de agricultores e desde criança mora no Sítio Jardim, zona rural da cidade de Fagundes – PB. É casada, tem 6 filhos e mais de 15 netos. É uma senhora simples, infelizmente analfabeta, porém letrada, como afirma Soares (2012):

[...] alfabetizado é aquele indivíduo que sabe ler e escrever; já o indivíduo letrado [...] é não só aquele que sabe ler e escrever, mas aquele que usa socialmente a leitura e a escrita [...]. (p. 74)

Quando era criança, frequentou pouco a escola, pois em entrevista declarou que:

[...] naquele tempo as coisas eram muito difíceis, a gente tinha que trabalhar no roçado ajudando os pais. Papai sempre dizia que comia do roçado, num era de escola. Então eu tinha que ir pro roçado. Quando sobrava um tempinho, aí eu ia pra escola, mas era muito difícil, eu ia de saltada, um dia e três não (Dona Maria José – 64 anos).

Mesmo diante das dificuldades citadas por Dona Maria José, ela ainda frequentou a escola: *a gente tinha que ler a cartilha todinha, no começo tinha o ABC... depois ia ficando mais complicado, tinha um monte de coisa, eu não consegui ler não*". Com o tempo passando e a necessidade de trabalhar, Dona Maria José acabou abandonando a escola sem concluir o Ensino Fundamental I. Aos 16 anos, já estava casada. Como Dona Maria José, seu marido também era analfabeto.

Tempos depois, aos 23 anos de idade, ela voltou à escola com seu marido, motivados pelos programas de alfabetização de jovens e adultos lançados pelo governo; mais especificamente, para cursar o MOBRAL (Movimento Brasileiro de Alfabetização), no qual, idealizou neste Programa a chance de finalmente aprender a ler.

Eu acho muito bonito quem sabe ler, quem sabe fazer um carta, por isso eu voltei pra escola. Eu pensei que ainda dava para aprender, eu ainda era nova... Naquele tempo num tinha nem luz, era com o candeeiro, e se a gente não tivesse cuidado, o caderno ficava cheio daquelas bolotas de carvão que pulavam do candeeiro (falou sorridente Dona Maria José).

Devemos ter muito cuidado com a heterogeneidade do público que frequenta os programas de alfabetização de jovens e adultos, uma vez que muitos possuem experiências diversas de trabalho, suas práticas culturais e valores já constituídos e enraizados. Portanto, deve-se analisar minuciosamente o perfil de cada aluno, relacionar os conteúdos a serem estudados com temas da vida cotidiana dos alunos, afim, de que possam se tornar elementos geradores de um currículo escolar realmente significativo. Todavia, quando Dona Maria José destacou as atividades propostas por sua professora no MOBRAL, ficou claro que nem sempre essa singularidade, esse cuidado com o público de jovens e adultos que retornam a escola é tomado, pois *"[...] era a mesma coisa que ela ensinava. Ela dava a cartilha*

e eu tentava me lembrar das coisas que tinha na estudado antigamente, mas não conseguia... Só aprendi o ABCD e a ler sapato, lata, bota, tijolo e caneca.”

Outros programas também foram frequentados por Dona Maria José no decorrer dos anos, como a Alfabetização Solidária, Brasil Alfabetizado e a EJA. *“Tive tantos professores depois de velha. Era até bom ir pra escola, intertia a cabeça, num instante a hora passava... Meu Deus! Fui tanto pra escola e num aprendi nada (disse com um olhar reflexivo), só a fazer meu nome.”*

A última vez que Dona Maria José regressou a escola foi no ano de 2011, para cursar a EJA.

Só voltei para ajudar a professora a formar a turma, por que parece que tinha que ter uns 10 alunos senão ela não ficava. Por isso eu fui... Por que sei que aprender a ler não aprendo mais não. Já fui tanto pra escola e num aprendi. E agora que já estou mais velha, só fico pensando nas coisas que tem pra fazer em casa. Aprendo mais não! (Dona Maria José – 64 anos).

O que inicialmente surgiu como forma de erradicar o analfabetismo, de levantar a autoestima de jovens e adultos, garantir a formação de tantos brasileiros que não tiveram condições nem oportunidade de estudar na idade certa, teve efeitos contrários na vida de Dona Maria José, pois, depois de tantas tentativas, de tantos regressos à escola, sua autoestima foi afetada de forma negativa. *“Quem não sabe ler, tudo na vida é complicado, eu vou fazer a feira não sei os preços das coisas [...] quando chega alguém de fora aqui, eu boto logo as meninas pra falar, eu não entendo de nada mesmo.”*

Como vemos, há muito que se pensar da experiência um tanto negativa de Dona Maria José, pois como uma pessoa que frequentou tantas vezes diferentes programas de alfabetização, não conseguiu ser alfabetizada? Sérias críticas são feitas a esses programas de alfabetização de jovens e adultos, como por exemplo, a produção dos “analfabetos funcionais”, a falta de exigência de formação inicial e/ou continuada dos educadores, o baixo financiamento para o investimento em materiais pedagógicos e até mesmo na merenda.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste momento, retomemos as questões centrais colocadas inicialmente, mas quais abordam que há anos se pensa em uma educação reparadora, que possa tanto reparar a “vergonha” de um país, como as falhas na formação escolar de

tantas pessoas vítimas da imensa desigualdade social e econômica presente no país.

A Educação de Jovens e Adultos está imersa em uma teia dialética de poderes, interesses, que envolvem Estado, sociedade, direitos, deveres, leis e vontades. Infelizmente, mesmo depois de tanto tempo, de tantas críticas, pesquisas e estudos, a educação para jovens e adultos ainda tenha grandes vestígios de produção de analfabetos funcionais, nos quais aprendem apenas assinar seus nomes. Desta forma, distancia-se a educação de uma prática da liberdade, de reflexão, de transformação do sujeito e do mundo, tão defendida por Paulo Freire, desde a década de 50. Contudo, “na medida em que o homem, embora analfabeto, descobrindo a relatividade da ignorância e da sabedoria, retira um dos fundamentos para a sua manipulação pelas falsas elites.” (FREIRE, 2010)

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 41^o Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

SOARES, Leôncio. Diretrizes Curriculares Nacionais. In: **Educação de jovens e adultos**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. (p.25-133)

SOARES, Magda. Letramento em Verbete: O que é letramento? In.: **Letramento**: um tema em três gêneros. 3^a ed. Belo Horizonte - MG: Autêntica, 2012. p. 14 - 121.

SOARES, Magda. **Alfabetização e Letramento**. 5^aed. São Paulo: Contexto, 2007

SOUZA, José dos Santos; SALES, Sandra Regina (orgs.). Políticas Públicas de Educação de Jovens e Adultos no Brasil. In: **Educação de Jovens e Adultos**: Políticas e Práticas Educativas. Rio de Janeiro- RJ: NAU & Edur, 2011, (p. 29-47).

http://pt.wikipedia.org/wiki/Narradores_de_Jav%C3%A9 (acessado em: 30/08/2013, às 17h45min)

<http://thiago-opoderdaspalavras.blogspot.com.br/2009/05/resenha-sobre-o-filme-narradores-de.html> (acessado em: 31/08/2013, às 09h10min)

<http://www.telacritica.org/NarradoresDeJave.htm> (acessado em: 31/08/2013, às 14h56min)

http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&id=17457&Itemid=817 (acessado em: 05/03/2014, às 16h45min).